

**Entre mar e vento:  
O Clima dos Açores como agravador da servidão humana  
no romance *Gente Feliz com Lágrimas* (1988)**

Ana Cristina Carvalho  
(Universidade Nova de Lisboa)

Resumo

É feita uma análise ecocrítica de um romance português com ação nas décadas centrais do século XX e cenário num ambiente rural da costa norte da ilha de S. Miguel. Pretende-se mostrar que o clima atlântico açoriano, hoje em mudança por força das Alterações Climáticas, é um tópico literário fulcral na dramaticidade do enredo e na condição das personagens, potencialmente útil para a ecoliteracia dos leitores. Concluiu-se serem os elementos “vento”, “chuva” e “frio” os mais relevantes.

Palavras-chave: Ecologia Humana, Ecocrítica, *Climocrítica*, Literatura portuguesa, João de Melo

Abstract

This article propose an ecocritical analysis of a Portuguese novel whose action takes place in the middle decades of 20th century in a rural setting in the northern coast of S. Miguel island. The purpose is to show that the Atlantic Climate of the Azores, going through a change due to global Climate Change, is a crucial issue affecting the dramatic condition of the characters, and it is potentially useful to the ecoliteracy of the readers. In conclusion the elements of “wind”, “rain” and “cold” will be given a special relevance.

Keywords: Human Ecology, Ecocriticism, *Climatecriticism*, Portuguese literature, João de Melo

§

Ana Cristina Carvalho, *Entre mar e vento: O Clima dos Açores como agravador da servidão humana no romance Gente Feliz com Lágrimas (1988)*, «NuBE», 4 (2023), pp. 237-259.

DOI: <https://doi.org/10.13136/2724-4202/1423> ISSN: 2724-4202

E entre esse mar eternamente branco e o vento passado, nos sítios onde outrora existiam terras cercadas de muros ou abrigadas pelas canas, e cerrados de milho e beterraba, e vinhas e pomares – viu que continuavam coexistindo vento e mar, mas já não o milho nem a beterraba.

(João de Melo 2016, 435)

## 1. Introdução<sup>1</sup>

«Geradas pelo fogo na água», no dizer do escritor açoriano Álamo Oliveira (Abreu e Oliveira 1987, 6), as nove ilhas vulcânicas dos Açores situam-se a meio do Atlântico Norte, tendo o seu achamento pelos portugueses ocorrido entre 1427 e 1452. A localização no encontro das placas europeia, africana e americana confere ao arquipélago grande inconstância tectónica. Os açorianos habituaram-se à «constante luta com a instabilidade da terra, do clima e da paisagem» (d'Abreu *et al.* 2001, 36), sendo «sentinelas e testemunhos de movimentos naturais – geomorfológicos e meteorológicos» (Gaspar 1993, 221). «A terra e o mar são o binómio deste povo», um povo «de baleiar e outras pescas», de «semear e pastorear» lê-se no *Relatório do Estado do Ambiente dos Açores 2017-2019* (Vários 2019, 2), que deteta uma elevada vulnerabilidade dos Açores às alterações climáticas, com efeitos no ciclo da água, biodiversidade, agricultura e pescas, segurança e saúde humanas. A paisagem de S. Miguel deve a sua grandiosidade à morfologia, ao mosaico de parcelas agrícolas, às características das povoações «e, principalmente, à sua expressiva relação visual com o mar» (Vários 2019, 2). Para João de Melo (2000, 182), romancista natural da ilha, «S. Miguel, a sozinha, polariza uma boa parte do “universo açoriano”».

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no âmbito do contrato de trabalho com a FCSH/Cics.Nova, financiado por fundos nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), decorrente da Bolsa de Investigação Científica do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico - CEECIND/02152/2017.

O geógrafo Orlando Ribeiro (1986) sublinhou o papel da paisagem, fruto do passado e registo da memória coletiva, na identidade regional. Esse papel tem um equivalente artístico na literatura como repositório da herança cultural e ambiental de um espaço geográfico. É essa uma das premissas da Ecocrítica, que Coupe (2000, 302) define com esta clareza: «Ecocriticism [...] considers the relationship between human and non-human life as represented in literary texts and theorizes about the place of literature in the struggle against environmental destruction».

Se se atender ao fator ambiental que atualmente maior perigo enfrenta – o Clima – e sua estreita relação com a atividade humana, é possível conceber uma subárea dentro da Ecocrítica: a “Climocrítica” (Carvalho 2021). Ora, o clima exerce influência direta e decisiva no coberto vegetal, seja natural seja cultivado e, conseqüentemente, na relação orgânica com a terra. Neste sentido, o estudo da função ativa do texto literário no conhecimento do meio biofísico e, portanto, na ecoliteracia dos leitores é inserível no campo da Ecologia Humana, que aborda as relações entre o ser humano e natureza – ou entre a Sociosfera e a Ecosfera. É esse o foco privilegiado neste artigo.

Batista (1993, 58) exemplifica a função da literatura no «reconhecimento do lugar» com «As muitas vozes presentes na obra de João de Melo» (JM), que «falam da terra na sua especificidade geográfica, cósmica e vivencial» (Batista 1993, 12). Recentemente, Besse (2019, 13) considerou que a escrita e a trajetória do romancista abrangem «toda a magia da literatura oral tradicional e da paisagem açoriana» e nela figuram, entre outros tópicos, «as marcas da açorianidade». Encontra-se, assim, fundamento para analisar da perspectiva *climocrítica* o romance *Gente Feliz com Lágrimas* (GFL). O objetivo é ilustrar como o Clima é absolutamente nuclear na ambiência e na tessitura da intriga, enquadrando-a biofísicamente e influenciando o quotidiano e a sorte dos membros de uma família rural. Propõe-se um plano de sentido e um ângulo de leitura

ainda por estudar, filiados nas apreensões ecológicas e climáticas que agitam os dias de hoje.

## 2. O romance da(s) Ilha(s)

*Gente Feliz com Lágrimas* (Lisboa, 1988) é um dos romances portugueses de maior fortuna nas últimas décadas, tendo valido a JM vários prémios. É uma narrativa de grande fôlego e estrutura complexa, desenvolvida ao longo de cinco “Livros”: o Primeiro guardando o âmago da história e um “Livro Zero” como epílogo. Para além do recurso a frequentes analepses e da linguagem crua mas de grande vigor poético, trata-se de uma obra polifónica, dada a alternância de vários narradores, em especial dois irmãos e uma irmã já adultos. São deles as memórias entrelaçadas que representam, apesar dos diferentes pontos de vista, uma voz uníssona gritando a dor da infância vivida e a ligação amargurada à terra e ao mar de S. Miguel.

O tempo de ação principal são as décadas de 1950-1960: a população era maioritariamente rural, os Açores contactavam o exterior quase só por mar e «cada freguesia simbolizava um país minúsculo em torno duma igreja, dum largo e duma fonte pública.» (Melo 1988, 123). A história parte do cais de Ponta Delgada, onde um rapazinho, Nuno, embarca num navio-cargueiro com destino a Lisboa. Repete os passos afoitos da irmã Amélia que, um ano antes, tomara a decisão ingénuo mas inabalável de deixar a “Ilha” e a família. O ímpeto dessas partidas tem raiz no extremo isolamento e na extrema austeridade do meio rural, além de um ambiente familiar de violência e subjugação dos mais novos. Desse ímpeto fazem parte, como se verá, os movimentos de regresso: à ilha, e à casa, sede da família e da vida de lavoura, onde acontece parte do enredo. Numa entrevista de 2016, JM confirmaria: «Estou marcado indelevelmente por essa ideia insular [...]. Nós somos sempre de um lugar, de uma família e de uma casa».

Embora Nuno seja a figura principal, dado o predomínio das suas memórias, motivações e movimentos, é a família de camponeses, no seu todo, que de facto protagoniza o romance – com destaque também para Amélia e Luís. O primeiro chegaria a Lisboa ainda «cheirava às profundas águas da infância e às ribeiras dos Açores» (Melo 2016, 175); expulso do Seminário aos 17 anos acusado de ser «subversivo», torna-se estudante de Letras opositor ao regime de Salazar e mais tarde professor, trajetória claramente decalcada da vida do autor (cf. Carvalho 2016, 469-472); e virá a ser o herdeiro da casa, «um favo inútil» que ajudou «a demolir as paredes da [sua] infância» (Melo 1988, 169). A primogénita Amélia abandona aos 16 anos os horizontes largos mas densos da ilha, a escravidão familiar e o muito «pão com lágrimas» (124); depois de tentar a sorte num convento, cumpre o sonho de se tornar enfermeira em Lisboa. Luís livrar-se-á dos tormentos às mãos do pai e das agruras do trabalho rural combatendo na guerra na Guiné, antes de emigrar para o Canadá. O pai, «Emanuel Demónio», incansável trabalhador mas «o mais severo, avaro e ruim homem do Rozário» (Melo 2016, 42), é uma personagem-chave, não só pela brutalidade exercida sobre os filhos, como pelo papel de ligação forçada à terra. Amélia recorda-o, já moribundo, «Sorr[indo]-me com a gratidão de um rosto cor de cinza», «sorriso onde uivavam já o vento, o lobo e o cão do remorso» (217).

O conjunto dos nove filhos é «uma ninhada confusa, crescendo ao ritmo do cio» do pai (Melo 1988, 49) e do avanço da história da família – uma família «remediada» (82) no seu património de pequenas terras e gado e miserável na atenção e previdência aos filhos. Ao longo da infância e adolescência, eles são vítimas de uma cultura de disciplina e serventia levada ao extremo: «Muitas e muitas vezes», pensou Nuno, «fui boi de canga, burro de moenda e cão bensinando atrás das reses. E fui bombo de festa, e pássaro, e fui ofensa e castigo, e árvore decapitada, e novamente

pássaro...» (327).

O mau-viver de castigos e sobrecarga laboral agrava-se sob o clima adverso da ilha, inunda as memórias dos três irmãos, dá o tom ao romance e contagia inevitavelmente o leitor. No Livro Terceiro, o da idade adulta de todos e da morte dos pais, os nove reagregam-se como personagem coletiva, no Canadá dos emigrantes: uma família esboroadada pela América mas falando ainda «o açoriano dos antigos boieiros, do inesquecível clamor das lavouras [...]» (Melo 2016, 311).

O palco central da narrativa é o lugar do Rozário, na freguesia berço do escritor, Achadinha, que aí nasceu em 1949: «O Nordeste sempre foi uma terra extrema, plantada à cabeça da ilha e do seu esquecimento. [...]. Chamavam-lhe a “décima ilha”. Hoje em dia, porém, o Nordeste já não é o segredo raro e minucioso de outrora, mas sim um aro magnífico, guardado e exposto entre a Salga e a Ponta da Madrugada» (Melo 2000, 187).

### 3. A “grande memória da Ilha”

#### 3.1. *O Mar e o Lugar. A Paisagem*

A relação funcional do açoriano com o oceano circundante, tema de várias obras literárias, praticamente não existe em *GFL*. Vê-se, sim, o mar como símbolo de evasão dos limites rígidos da ilha e do isolamento que abafa o povo; e o mar quase inalcançável, à «distância dum grito» (Melo 2016, 26), despontando da crueza dos dias numa vizinhança que só permite um elo contemplativo, um emolduramento inatingível da paisagem terrestre – meio onde se movem as personagens, suas ações, enredos, medos e raras alegrias.

«Tempos remotos, esses, em que as crianças devoravam anos para irem conhecer o mar. Contemplavam-no de longe, e era uma fita anilada que corria em torno da ilha», evocava o escritor em *O Meu Mundo não é deste Reino* (Melo 1983, 33), seu primeiro romance. Em *GFL* o mar é imagem e

também som: «Morávamos [...] a dois quilómetros dele, sentíamos-lhe o cheiro, ouvíamos a sonatina, o crocitar das aves marinhas, o vento que empurrava contra os pedregulhos da costa os assustadores vagalhões dos naufragos» (83).

A função simbólica e hipnotizadora do oceano, o seu diálogo paisagístico com as formações rochosas costeiras e o dom para inspirar a poesia e a literatura viriam a figurar em *Açores, O Segredo das Ilhas* (Melo 2000, 237): «O meu mar desse tempo era branco e oblíquo: subia desde as pedras negras da costa até às faldas das nuvens que ficavam no limite extremo do firmamento. [...]. Havia, nessa forma peculiar de ver a Geografia que então me cercava [...] talvez uma presciência poética que parecia anunciar-me um “sentimento” ou um “desejo” de literatura». Na mesma obra, diz JM que esse oceano «não tinha, nas sempre breves e chuvosas tarde de Inverno, aquela cor plúmbea que tanto se assemelha ao aço das lâminas de barba». Uma afirmação curiosa, pois na verdade tal comparação já ocorrera ao autor em *GFL*, doze anos antes: no Capítulo 6.º, Nuno enumera como um dos desalentos da infância «o mar baço como o chumbo de uma lâmina de barba» (Melo 2016, 169).

Trata-se da mesma «fisionomia concentrada e séria» que Raul Brandão (2011, 163) encontrara do mar dos Açores em 1924. Uma perceção cromática validada por d'Abreu *et al.* (2001, 28): «quando o estado do tempo se agrava, o mar acinzentado-se e limita os horizontes das ilhas, separando-as e envolvendo-as numa densa bruma húmida, que reforça a sensação de isolamento no meio do Atlântico». Em *GFL*, a presença do Atlântico, quer avistado do interior da Ilha, quer como meio de imersão nas viagens dos irmãos Nuno e Amélia, vai variando de intensidade, mas mantém-se ao longo das 457 páginas. E desde o início se confunde literariamente com a natureza climática: «Quando largaram da doca [...] havia também a mesma chuva ácida do princípio da noite. [...] E o pranto da muita gente que ali ficou a agitar lençinhos de adeus fora-se

logo convertendo num uivo, o qual acabou por confundir-se com o rumor do vento a alto mar» (Melo 2016, 7). Anos depois, em Lisboa, Nuno viveria o receio de não mais contemplar “esta paisagem de mar, com suas sebes de cana murando ladeiras de vinha, contornando caminhos que deram sempre na direção das pedras costeiras e de moinhos movidos por ribeiras que vêm das montanhas» (475).

Uma paisagem de mar que é também uma paisagem de terra – um dueto formando o *lugar-cenário*<sup>2</sup> do romance. O Rozário integra-se no Concelho do Nordeste dessa ilha onde «a vida humana [se] foi expandindo por “achadas” (terras aplanadas)» ou por «planaltos defensivos sobre o mar» (Melo 2000, 183). Juntamente com o concelho vizinho de Ribeira Grande, forma a Unidade de Paisagem SM3<sup>3</sup> de S. Miguel (Encosta Porto Formoso/Achadinha), identificada por d’Abreu *et al.* (2001).

A localização aproximada da área-cenário está assinalada a vermelho na Fig. 1. Note-se a proximidade ao mar e o troço costeiro planáltico que evolui para terra montanhosa mais interior, palco da maioria das cenas familiares, no contexto da lavoura e da pastorícia.

---

<sup>2</sup> Segue-se o conceito de “Lugar” de Anderson (2020, 113): «[...] It is from the empty abstraction of space that different cultures take and make their places. It is in a ‘place’, therefore, that cultures, communities, and people root themselves and give themselves definition».

<sup>3</sup> “Unidade de Paisagem”, muito simplificada, designa uma área «relativamente homogénea quanto a solo, relevo, clima e potencial biológico, com um padrão específico que se repete e a diferencia das envolventes» (d’Abreu *et al.* 2001).





1. Localização aproximada da área-cenário de *Gente Feliz com Lágrimas* (1988) na Ilha de S. Miguel, Arquipélago dos Açores. Fonte: adapt.de

A avifauna, marca da paisagem real do arquipélago, tem uma presença sugestiva em *GFL*, feita à custa dos milhafres e seu comportamento predatório, mas sobretudo das cagarras. Estas riscam a paisagem auditiva das terras costeiras com a sua estridência e pontuam as recordações dos irmãos sempre com conotação negativa: Amélia «Dormia de um sono só [...] e o facto de o fazer de cara tapada tinha a vantagem de não ouvir senão muito ao longe os guinchos dos ratos, as trovoadas e os gritos de morte das cagarras» (Melo 2016, 59). Já Nuno, em vias de deixar o seminário, teme o regresso à origem: «Se fosse devolvido à casa do pai, as noites pretas dos Açores comportariam de novo os cães, as chuvas eternas e o grasnido das cagarras atlânticas» (261).

Vários elementos da paisagem do Nordeste micaelense retratados, assim como a toponímia real do Rozário, aldeias e vilas próximas, dão substância e verosimilhança ao romance enquanto fonte representativa do real útil ao saber geográfico. É o caso dos afloramentos rochosos, das arribas e das linhas de água (ribeiras da Achada e da Salga), das matas e sebes de canas, das parcelas cultivadas e pastos, dos conjuntos edificados,

do Mato do Povo ou do Ponto da Vara (o mais elevado da ilha, com 1105 metros de altitude).

Adota-se aqui o moderno conceito de paisagem – sistémico, dinâmico e de abordagem interdisciplinar – tal como ratificado na *Convenção Europeia da Paisagem* (Florença 2000) e também descrito por Caldeira Cabral *et al.* (1978, *apud* d’Abreu *et al.* 2001, 14-15): «resultante da ação multissecular, contínua ou intermitente do homem sobre a paisagem natural, apropriando-a e modificando-a a fim de a adaptar às suas necessidades, segundo o que a sua experiência, os seus conhecimentos e a sua intuição lhe foram ensinando, experiência transmitida de geração em geração». Esta aceção da paisagem como expressão do elo entre sociedade e território harmoniza-se com a Ecologia Humana e engloba duas componentes: a objetiva – fatores bióticos e abióticos, incluindo a ação humana; e a subjetiva, relativa à sua fruição pelos sentidos.

Em *GFL*, é diminuto o espaço narrativo e o tempo diegético das personagens reservados à contemplação da envolvência paisagística. Porque o romance mostra, com a razão e a lucidez de um olhar nativo, a outra face da paisagem – não a do proveito, mas a da construção. A face de uma paisagem erguida a esforço de braços, dor e lágrimas; fruto da entrega física e anímica das personagens a um solo que dá muito a troco de lhes sugar a vida – simbiose ainda mais desequilibrada, como se verá, por um quadro climático severo.

*Açores, O Segredo das Ilhas* transmitiria anos depois uma imagem da ilha amenizada e glorificada pela distância do tempo: S. Miguel é «Uma doce melancolia» (Melo 2000, 169). Mas «As forças naturais que conferem à paisagem açoriana beleza e mistério podem também impor o mais profundo respeito e insegurança em relação aos fenómenos da natureza, como o vulcanismo, os tremores de terra, os temporais de chuvas e ventos intensos», frisam d’Abreu *et al.* (2001, 28). Como é esta realidade, em particular no que respeita às condições climáticas, tratada em *GFL*?

### 3.2. O Clima, força maior da Natureza: “ventos malditos” e “chuvas eternas”

Deus pode certamente expulsar-nos da infância. Não porém daquele vento largo, tão leve!, que cada um de nós traz dentro de si, depois de ter vivido numa ilha.

(Melo 2016, 20)

De entre as componentes biofísicas, o clima de Inverno assume o mais relevante papel enquadrador da ação romanesca de *GFL*, condicionando a sobrevivência humana e moldando os estados de ânimo das personagens. Tratando-se de um texto essencialmente realista, é esperável que a figuração do Clima Temperado Marítimo dos Açores (de baixa amplitude térmica, elevadas pluviosidade e humidade relativa e ventos persistentes dominantes de Oeste) esteja em coerência com os documentos técnico-científicos. Gaspar (1993) explicou que o oceano é o grande regulador, permitindo a baixa oscilação térmica anual e chuvas todo o ano. Mas o principal fator é a posição dos Açores à latitude da «frente polar» do Atlântico Norte, onde ocorrem trocas do ar quente e húmido equatorial e subtropical com o ar frio e seco do Ártico. O forte contraste entre as estações seca e húmida, com 75% da precipitação entre Outubro e Março (Vários 2019), já impressionara Raul Brandão (2011, 163): «Seis meses de inverno, seis meses de mau tempo, dizem os marítimos deste oceano misterioso [...]. Nos Açores, a Primavera não existe”. O sofrido Nuno de *GFL*, ao percorrer a ilha com o seu olhar, recordaria que “nunca ali acontecera ser Outono”» (Melo 2016, 436).

A afetação do arquipélago por ciclones e tempestades tropicais nos fins do Verão e no Outono é também ilustrada no romance: os anos de ciclone significavam «colheitas perdidas, reses mortas ou extraviadas» (Melo 2016, 214) e eram um abanão meteorológico no marasmo local: «Durante o resto do ano, a não ser a chuva e os tremores de terra e as

noites compridas em que a saraiva e o ciclone nos obrigavam a rezar antes de ir para a cama, nunca nada acontecia no Rozário» (2016, 32).

Mas são os invernos a estação do ano com maior realce. «Tempos compridos e parados» (Melo 2016, 126) que fustigam as personagens e lhes ensombram o quotidiano, apenas amenizados nas saudosas mentes de despatriados na América: «Quando se está longe e se sofre tanto, a gente absolve mesmo as paisagens malditas», diz Luís (2016, 192); «apetecia-me abandonar tudo e voltar para trás. [...] aceitar mesmo de volta os Invernos da serra» (2016, 192). Esta omnipresença dos elementos parece tão forte como a do mar:

bem lá na alma da serra, o mundo mergulhava de repente numa bruma de chuva, com um azul de fumo erguendo-se nos rolos formados pelo vento. O sol desaparecia durante o resto do dia. Mal podíamos despedir-nos dele com o olhar, vendo-o pela última vez ao longe, no sítio onde acabava o mar e o céu se erguia naqueles discos de nuvens paradas como a eternidade. Havia, há sempre no céu dos Açores, nuvens castanhas e nuvens cor de pedra, e entre umas e outras enrolam-se argolas de fumo e grandes massas de ar carregado de chuva. Foi assim, aliás, que aprendi tudo a respeito do nevoeiro, do granizo e das sombras que há no tempo. Sofri os ventos frios, brutais, e a sua humidade corrosiva como o ácido da ferrugem (Melo 2016, 190).

A atenção literária reservada aos meses do ano segue a lógica das estações. Novembro tem, para a família agarrada à ilha, a lembrança da partida de Amélia e Nuno rumo a Lisboa. E certo Setembro fica marcado por uma sova do pai enfurecido ao pequeno Nuno, a quem o tempo molhado azarara o manuseamento dos carros dos bois: «vieram valer-me no lodo, entre a água das levadas e a chuva do mês de Setembro. Uma desgraça com chuva são sempre duas desgraças» (Melo 2016, 202). Quem queira ler JM sobre os meses luminosos de Abril, Maio, Junho ou Julho terá de mergulhar em *O Meu Mundo não é deste Reino* (1983) ou perder-se nas páginas de *O Segredo das Ilhas* (2000).

Outros elementos climáticos cercam as personagens e exercem o seu poder. Quase sempre o céu é opressivo, «de chumbo», com «multidões de nuvens eternamente levadas pelo vento», «arrastando-se de norte para sul», como nas memórias de Amélia (Melo 2016, 58). Nevoeiros «obsessivos» (435) atravessam gerações, envolvem as crianças e os boieiros, o gado, as árvores, os picos rupestres.

Juntamente com o frio e os ventos, a chuva tem a presença mais forte em *GFL*. A precipitação de S. Miguel aumenta com a exposição a norte, exatamente a do cenário geográfico do romance. Abundam os «dias de muita água» e, na noite dos Açores, «Chegada a nortada, vinha com ela a chuva. Tudo ensurdecia então ao som da água que fustigava as telhas e dissuadia do cio os murganhos» (52). Era a mesma água que privava as famílias pobres de assistência do médico, a mesma desse «imperdoável dia da chuva muito fria» em que o avô Botelho foi a enterrar. Uma água atmosférica que encharcara os dias da infância de todos e neles perduraria a ponto de a mulher de Nuno, Marta, distinguir «essa coisa triste na vida de um escritor» (379). No Livro Primeiro, o pequeno Nuno desce dos altos em direção a casa, macerado pela sova do pai:

A chuva começou a encher a noite e esta entrou devagarinho, pesada como chumbo, nos cilindros ocos dos meus ossos. Caminhava de noite, mas sem nenhuma consciência de estar caminhando. Sofria a chuva, mas não sabia que estava chovendo apenas dentro de mim. Coxeava, torcido pela dor [...]. Toda a gente se habituara a ver meninos coxear ao crepúsculo, andando à chuva, perdendo-se nas ruas incertas desses dias de água e chorando sem motivo (203).

E se ele conserva na memória as «chuvas eternas» de «noventa e nove dias consecutivos», para Luís «os anos de chuva iam andar de roleta dentro de mim [...]» (436). Esta conotação do mau tempo com sentimentos de dor, injustiça e desesperança soma-se à negação da sua condição infantil: «O outro castigo era a chuva. [...] As crianças da nossa idade, sempre que

chovia, divertiam-se a uivar à chuva, dando vivas ao descanso e morras ao trabalho» (436); para os irmãos de *GFL*, era apenas mais uma ocasião de rachar lenha e limpar chiqueiros.

Os episódios de sujeição ao frio ocorrem sobretudo durante a faina pastoril, nas grandes altitudes (fator influenciador das variações térmicas locais) a que subiam as crianças. «Às vezes, penso que toda a minha história se resume à memória e à maldição do frio que me feriu por dentro», confidencia Luís (191). Ouve-se a mesma sensação, simultaneamente física e afetiva, enraizada na carência de um ambiente familiar protetor, na voz de Amélia:

No decurso do Inverno, [...] eu e Luís partíamos com as reses para os Outeiros. Saíamos de madrugada, descalços e em jejum, agasalhados pelas sacas de lona [...]. O frio era medonho lá em cima, na proximidade da serra, e os nossos pés ficavam azuis como a geada que tinge as ervas duma cor de aço. [...]. Só então o sol começava a crescer por cima do mar, lá muito em baixo, já nas horas da escola. [...] Os boieiros que por nós passavam enchiam-se de pena e diziam entredentes que papá era um cão e um carrasco (179).

Coabitando com as duras memórias da infância, existirá em Nuno adulto a faculdade de descobrir a beleza daquele lugar. O Livro Quinto abre com uma imagem do ambiente rural, pastoril, cheia de vida, em contraste com a que preencherá o Livro Primeiro. São seis páginas de grande riqueza figurativa da paisagem micaelense, onde as manifestações do clima retomam a sua função central, agora aos olhos de Rui Zinho, o “duplo” de Nuno:

Um nevoeiro indubitável e sobrenatural, subindo em rolos do fundo das crateras mortas, descia então o planalto. Vinha navegando através da fissura dos vales [...] e enchia de cloro esse e todos os princípios de tarde. Mas nos sítios onde antigamente pairavam corolas de nuvens sobre as montanhas mais altas, eram ainda as montanhas – altíssimas, perpétuas e torcidas com cães de pedra sentados na água. E onde outrora existira o

vento e o mar fora oblíquo, e os barcos passavam de quilha inclinada, cheios de gente feliz com lágrimas em direção à América (435).

Por vezes, em alternativa aos frios de altitude, as memórias recuam até aos «mormãos de endoidecer» (95), revelando um tempo quente, húmido e abafado que amolecia pessoas e animais e era comum nos Açores.

É porém o “vento” que disputa com a chuva e o frio o peso literário do ambiente invernal e na dramaticidade da história. Nuno, já instalado em Lisboa, vê-se como um náufrago, não «no mar e nos rios, mas no tal vento maldito que o vinha perseguindo» desde a infância (58). Um vento atingindo o seu expoente máximo durante os «medonhos ciclones» de S. Miguel, que amedrontavam Amélia nas noites dormidas no sótão. E avistando a paisagem a partir da serra, Luís recorda: «Mas a mim sempre me pareceu que a ventania atravessava a Ilha de norte a sul, levando as nuvens e o próprio mar dum lado para o outro da costa. O vento tinha um gosto a sal [...] e o frio era tão cortante que nos enchia os ossos de humidade» (190).

Na sua visão de ficcionista e poeta, JM lança aos olhos do leitor um vento que chega a ter cor: «De dia [...] era de um azul-ferrete. Mas nas noites de lua parda, era um vento de cinza que rugia» (56). É um elemento atmosférico que ronda sempre, ameaçador e nocivo, assombrando o sono das crianças, por vezes arrasando as searas, certa vez associado a um episódio sísmico: «Estremecia-o um vento maldito, cheio de guizos e uivos distantes, porquanto esse vento trazia consigo o rumor das figueiras e das canas, um cheiro atlântico a búzio e a sal e as nuvens de cagarras espavoridas fugindo da costa» (434).

### *3.3. O trabalho da terra*

Desde o seu povoamento em meados do século XV, a paisagem açoriana sofreu uma contínua humanização. O clima presta-se a culturas das zonas

temperadas húmidas, mas também às mediterrânicas e tropicais. O Mapa de Uso do Solo de S. Miguel (1955) (Brito s/d *apud* Gaspar 1993, 223), contemporâneo do tempo da ação de *GFL*, confirma que a região da Achada e Nordeste vivia de «culturas» (várias), «pastagens» e «matos e cumes comuns», seguindo esta ordem do litoral para o interior e das mais baixas para as maiores altitudes.

De todas estas classes de uso da terra a família obtinha proventos, e é nessa paisagem estritamente rural que têm lugar as cenas mais marcantes. A vida árdua do campo era a mais castigadora dos meninos e meninas, consumindo-lhes a existência logo a partir dos sete anos. Destinados a uma vida sem sol, atravessam uns verdes anos que são da cor acastanhada da infelicidade: «No dia em que terminou para mim o purgatório dos livros e da escola, entrei a direito e de cabeça moucha, tal como um asno, no inferno das terras e na vida ardida do meu pai», recorda Luís (Melo 2016, 94), que na ausência do irmão mais velho, ia assumindo o afã da lavoura, «a chegar cada vez mais tarde a casa, molhado, descalço e frio, como só o Inverno» (223). Nuno, por seu lado, fora em tempos incumbido de guardar um pomar situado «numa funda», «suficientemente assustador para atrofiar o espírito de uma criança e estragar o faro do cão» (138).

Era o quotidiano, de sol a sol, em todos os dias da semana, de Amélia, Nuno e Luís, as vozes sofridas, eternamente infantis, que trazem esse tempo e esse espaço ao leitor. No Inverno, «mungiam as vacas, alimentavam os bezerros e os bois», tangia[-n]as de verdasca para o caminho», «espalha[vam] palha, pragana ou conteiras para que à noite se deitassem sobre chão limpo», faziam estrume (105). Nos cumes, vigiavam os gados e carregavam o leite colhido encostas abaixo. «A esta distância do tempo, guardar ovelhas, limpar bosta, ou desbastar beterraba nos meses do frio nunca foi melhor nem pior do que sachar milho, cortar árvores com a serra puxada a braços, ou sofrer os espancamentos do pai e do meu professor», concluiria Nuno (83).



A dura realidade de trabalho infantil ao serviço do sustento familiar era comum nas zonas rurais de Portugal inteiro, à época da história. O que distinguia esta família eram a inclemência do pai para com os pequenos e o extremo a que levavam aquele traço social: «De um lado, a casa onde eles nos mantinham fechados, nos dias em que chovia e não era possível ir trabalhar para as terras. Do outro, a rua e o mundo [...], os lugares felizes dos filhos dos outros.», recorda Amélia (178). Por isso as «terras, hortas, ladeiras, pomares, pastos e matas» que lhes ficariam de herança trariam consigo as humilhações, maus-tratos e palavras de fúria protagonizados pelo pai.

Santa-Ritta (1982, 136) confirma a dificuldade de cultivo dessas terras vulcânicas, que «o açoriano amanhã esforçadamente e de tudo produzem». Esta natureza, associada à atmosfera húmida e chuvosa, significava trabalho extra para todos e um sacrifício acrescido para as crianças. É o que ilustra o episódio, já citado, em que o frágil Nuno deixa descarrilar no piso enlameado a junta de bois:

Olhando os bois, vi-os naufragar à minha frente, afocinhados na lama, de olhos vítreos e com os pescoços torcidos. [...]. Meu pai, que vinha atrás fumando, levou as mãos à cabeça. [...]. Passou pelo globo do seu olhar um relâmpago translúcido, de enforcado. [...]. Por um momento, os olhos do papá devolveram-me os cornos partidos das reses, as searas desfeitas pelos vendavais, as barreiras destruídas pelas quebradas e as árvores partidas por ação dos ciclones e das torrentes. O ofegar do gueixo igualava mesmo o zumbido metafísico que antigamente anunciava os tremores de terra. [...]. Os olhos habitualmente lívidos e encovados do meu pai vieram pousar em mim. Hesitava entre sustar os berros e acabar de vez com a minha existência (Melo 2016, 199-201).

É verdade que, muito raramente, as três vozes irmãs se permitem um olhar descontraído sobre a paisagem de origem. Um desses momentos de bucolismo e alegria dá-se quando Nuno é visitado nas pastagens: «No dia seguinte, ao princípio da tarde, apareceram, sem aviso, as manas. E as

manas vinham floridas, festivas e rosadas, e mais doces do que nunca – pois transportavam sementes nos aventais e pequenos molhes de caulezinhos que começavam a abrolhar e a multiplicar as raízes. Quando se puseram a cantar, vi que as suas mãos semeavam os canteiros de poldra» (140). Pode o leitor recuperar das muitas páginas de sofrimento humano neste oásis percetivo, oásis aliás precedido de um outro, onde o autor relata uma ligação afetiva inesperada durante a prática do pastoreio de Verão em S. Miguel:

Fazíamos como toda a gente do Rozário: desprendendo as reses, enxotávamo-las para longe, na direção das ribeiras e das matas. [...] Ficavam porém desauridas, adivinhando que iam ser abandonadas durante meses naquelas solidões frias. [...] – A ideia era que pastassem à solta, entregues a si mesmas durante o Verão. [...] Não havia melhor pastagem em toda a Ilha do que o Mato do Povo. As moscas não chegavam lá acima, nem as doenças, nem as tardes de calor e as reses gostavam da erva eternamente húmida da serra. [...] Quando o Verão chegava ao fim, subíamos de novo à serra. Levávamos vários dias a procurá-las de sol a sol, chamando-as pelos nomes [...]. queria Deus que finalmente se ouvisse um urro no nevoeiro, depois outro e outro e, finalmente, aparecessem uns cornos, umas orelhas espetadas na névoa. Aos poucos uma tribo vinha comer-nos à mão uma mancheia de erva. Vinham gordas, luzidias como lesmas, e pareciam infinitamente felizes por nos terem reencontrado (131-132).

Tirando alguns boeiros e camponeses que, em momentos de cúmulo dramático, salvam os rapazinhos dos abusos paternos, o povo da Achadinha é uma entidade distante e muda, esbatida no pano de fundo do romance. Mas outra exceção se destaca, útil à perspetiva da Ecologia Humana, na medida em que reflete o impacte social das políticas florestais da época: a florestação do Mato do Povo, um terreno de livre usufruto de toda a população. «– Ó meus senhores! Pois manda Salazar, que nos comanda de Lisboa, anunciar ao povo que os terrenos baldios do Mato deixarão de ser terra de ninguém e se desmoitarão para que sejam convertidos em pastagem para as reses» (162). Há um primeiro impulso

de resistência a estas ordens, que dá aos camponeses uma breve voz e um lugar no romance – «aquilo era um roubo do Governo» (163), «o Mato do Povo devia de ser defendido à foice» (166) –, mas esse protagonismo apaga-se com a submissão coletiva, em nome do progresso do Rozário.

É através deste e de outros excertos que o romance ganha foros de documento de época e sobretudo de documento de lugar, confirmando-se uma fonte útil para a memória ambiental e das relações ecohumanas firmadas com a natureza da ilha. Estão lá o zonamento da implantação humana em função da altitude, com os povoados «rodeados de áreas agrícolas, a que se seguem as pastagens, os matos e depois as matas.» (d'Abreu *et al.* 2001, 39). Estão os exemplos do bom uso dos recursos naturais, como o pastoreio e a apanha de lenhas nos baldios, a delimitação das propriedades com muros de pedra ou sebes vivas, as soluções de captação e armazenamento das águas pluviais, etc. Nuno vem a lamentar ter-se perdido dessa «liturgia da terra» (Melo 2016, 167). Porque a terra é indissociável, é extensão, da casa herdada, a ruína apodrecida que o espera quando regressa em adulto. Nesse encontro último homem-casa, Rui Zinho acompanha-o, sobrepõe-se, é ele o protagonista do Livro Quinto.

#### 4. Conclusão: os dois futuros do Nordeste

o pior do homem é a ausência dessas e de todas as outras memórias sobre os lugares.

(Melo 2016, 171)

Neste primeiro quartel do século XXI, a paisagem de S. Miguel é a mesma de *Gente Feliz com Lágrimas*, mas já outra. O aumento das áreas de pastagem e a monoprodução da vaca leiteira, por bem que fiquem nas amplas panorâmicas da ilha, não são isentos de impacte ambiental. O clima dos Açores mantém a sua personalidade atlântica, mas as alterações climáticas são um desafio, que o arquipélago enfrentará com um Programa Regional

já criado. É nas áreas urbanas que se emite, como em todo o mundo, mais gases com efeito de estufa, mas as florestas açorianas vêm aumentando a sua capacidade de sequestro de dióxido de carbono (Vários 2019). Por outro lado, a realidade social nos meios rurais evoluiu muito desde o tempo do enredo.

Nuno regressaria a uma ilha intermédia entre estes dois tempos, de olhos abertos para a mudança. Vem coroadado do sucesso dos seus livros, impregnados do passado ilhéu mesmo antes de serem escritos. A fixação na família de origem, vertida na escrita, leva-o a perder a família construída com Marta, que o acusa de ser «[ainda e sempre apaixonado por esse destino de pedra» (Melo 2016, 383). Rui Zinho foi ganhando terreno, enquanto Nuno era engolido por essa obsessão.

Não se sabe se chegou ao fim a sua «Estrada de Damasco» (36). Mas no último regresso à ilha, em que enfrenta a passagem do tempo, parece concretizar-se o seu desejo de “Que ao menos a vida me devolvesse as árvores, os pombais, os muros que um dia rodearam a casa da minha infância» (358). À distância de décadas ficaram as crianças tão perto e tão longe do mar, os invernos sempre iguais alternando com verões sempre diferentes, a humidade roendo madeiras e pedras, os meses sem domingos, as igrejas sem toques das trindades. Avista-se, porém, o mesmo «pó de giz amarelo que o sol derramava nas estradas do mar [...]. E também a luminosa chuva, o sol molhado de antigamente» (440).

É um romance de muitos caminhos de partida e regresso, da impossibilidade de se apagar a infância dentro de nós, da paisagem como herança vivencial e afetiva. Sem o quadro climático dos Açores como modelador da paisagem rural e determinante na vida humana, sem a sua representação como agravador das desventuras pessoais e dos quadros da pobreza e da infelicidade, *GFL* seria outro romance.

Os Livros Primeiro, Quinto e Zero exibem maior conteúdo na temática analisada, quer em valor informativo quer em significância para a

história. Encontraram-se cerca de seis dezenas de excertos sobre Clima, assim como vegetação e atividades dele dependentes, e foi possível identificar os elementos “vento”, “chuva” e “frio” como os de maior expressividade.

Esta primeira conclusão abre caminho ao muito que ainda fica por dizer sobre esta temática neste romance. Mas reitera a hipótese inicial de uma obra ficcional riquíssima em informação sobre o Clima e a Ecologia Humana açorianos – obra passível de alentar a literacia ambiental e climática. Confirma também que, a par de outros livros de João de Melo, *Gente Feliz com Lágrimas* fez do Nordeste de S. Miguel um “lugar literário”, no sentido em que se torna reconhecível, na geografia real, por parte dos seus leitores. No entanto, como se lê em *Açores, O Segredo das Ilhas*, «o Nordeste não existe: deve cada pessoa inventá-lo à sua própria medida» (Melo 2000, 177).

## **Bibliografia**

- Abreu Maurício & Oliveira Álamo 1987, *Açores/Azores*. Edição de autor, Setúbal.
- Batista Adelaide M. 1993, *João de Melo e a Literatura Açoriana*. Dom Quixote, Lisboa.
- Besse M.<sup>a</sup> Graciete 2019, *João de Melo – Entre a memória e a perda*. Companhia das Ilhas, Lajes do Pico.
- Brandão Raul 2011, *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens*, (1926). Quetzal Editores, Lisboa.
- Carvalho Ana Cristina 2016, *Terra Nativa – A Relação Eco-humana na Vida e na Obra de Ferreira de Castro*. Tese de Doutoramento, Faculdade de

Ciências sociais e Humanas da Universidade Nova, Lisboa,  
<https://run.unl.pt/handle/10362/17158> [28/11/2023].

Carvalho Ana Cristina 2021, *Ventanias, solamas e chuvadas – Traços do Clima de Portugal em contos de três escritores*, in Larissa Maly & Iva Pires, *Arte & Ecologia Humana*. CICS.NOVA, Lisboa, 175-197,  
[https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/44930333/2021\\_Arte\\_e\\_Ecologia\\_Humana.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/44930333/2021_Arte_e_Ecologia_Humana.pdf) [28/11/2023].

Conselho da Europa 2020, *Convenção Europeia da Paisagem*. Florença, <https://rm.coe.int/16807b6bc7> [28/11/2023].

Coupe Laurence (ed.) 2000, *The Green Studies Reader. From Romanticism to Ecocriticism*. Routledge, New York.

D'Abreu Alexandre C. et al. 2001. *Caracterização e Identificação das Paisagens dos Açores – Relatório Final*. Vol. I, Secretaria Geral do Ambiente da Região Autónoma dos Açores, Angra do Heroísmo,  
[http://ot.azores.gov.pt/store/inc/docs\\_pota/62/CaractIdentPaisagensAcores.pdf](http://ot.azores.gov.pt/store/inc/docs_pota/62/CaractIdentPaisagensAcores.pdf) [28/11/2023].

Gaspar Jorge 1993, *As Regiões portuguesas*. Secretaria de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, Lisboa.

Melo João de 1987, *Entre Pássaro e Anjo*. Dom Quixote, Lisboa.

Melo João de 2003, *O Meu Mundo não é deste Reino*, (1983). Dom Quixote, Lisboa.

Melo João de 2016, *Açores – O Segredo das Ilhas*, (2000). Dom Quixote, Lisboa.

Ribeiro Orlando 1986, *Portugal – O Mediterrâneo e o Atlântico*, (1945), 4.<sup>a</sup> ed. rev. e ampl. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.

Ana Cristina Carvalho

Santa-Ritta Gonçalo 1982, *Portugal, a Expressão da Paisagem*. Terra Livre /  
Direção Geral da Divulgação, Lisboa.

Vários Autores 2019, *Relatório do Estado do Ambiente dos Açores 2017-2019*.  
Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas dos  
Açores, Ponta Delgada, <http://rea.azores.gov.pt/> [28/11/2023].